

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.180211-2023-333-343>.

Recebido em maio de 2023. Aprovado em novembro de 2023.

## O GESTO DE SENTIDO EM UMA ANÁLISE DISCURSIVA: O CORPO HOMOSSEXUAL RESISTE THE GESTURE OF MEANING IN A DISCURSIVE ANALYSIS: THE HOMOSEXUAL BODY RESISTS

Anderson de Almeida Santos\*

Palmira Virgínia Bahia Heine Alvarez\*\*

**Resumo:** Com base no pressuposto teórico-metodológico da Análise de Discurso Materialista, pretende-se analisar, neste trabalho, o corpo como discurso e como resistência. Assim, sujeito, discurso e corpo fazem parte da constituição da linguagem, em que o atravessamento do corpo pela linguagem produz sentido, e este sentido rompe com os sentidos estabilizados pela ideologia dominante. Dessa forma, esse corpo resiste, revelando as falhas da interpelação ideológica. Para isso, recorreremos a algumas referências teóricas como Pêcheux (1990, 2014, 2015), Orlandi (2007, 2015, 2017), Ferreira (1996, 2011, 2013, 2019) e outros, tomamos como corpora postagens do Instagram de páginas voltadas ao público LGBTQIA+, em que esses corpos são discursos e resistem à normatização e, assim, produzem sentidos.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Corpo. Homoafetividade. Instagram.

**Abstract:** Based on the theoretical-methodological assumption of Materialist Discourse Analysis, this work intends to analyze the body as discourse and as resistance. Thus, subject, discourse and body are part of the constitution of language, in which the crossing of the body by language produces meaning, and this meaning breaks with the meanings stabilized by the dominant ideology. In this way, this body resists, revealing the failures of ideological interpellation. For this, we resort to some theoretical references such as Pêcheux (1990, 2014, 2015), Orlandi (2007, 2015, 2017), Ferreira (1996, 2011, 2013, 2019) and others, we take Instagram posts from public-facing pages the corpora LGBTQIA+, in which these bodies are discourses and resist normalization and, thus, produce meanings.

**Keywords:** Discourse Analysis. Body. Homoaffection. Instagram.

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa situa-se no âmbito da Análise de Discurso (AD), dita de orientação francesa com cunho materialista. Por essa teoria, entende-se que é nas fissuras do discurso que encontramos o deslizamento de sentido, a partir da concepção do sujeito como clivado e assujeitado à ideologia, afetado pelo inconsciente, e submetido às circunstâncias sócio-históricas, que resultam na constituição dos processos de significação.

---

\* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) E-mail: [andersonalmeidasantos@hotmail.com](mailto:andersonalmeidasantos@hotmail.com).

\*\* Pós-doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade do Estado da Bahia (2019) possui Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2009) e mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2007). Professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana, atuando também no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFBA. E-mail: [pavbheine@gmail.com](mailto:pavbheine@gmail.com).

Assim, é possível afirmar que as pesquisas desenvolvidas com base na teoria materialista do discurso, se desenrolam em diferentes corpora, em que os estudos da linguagem em funcionamento são “os escritos, as imagens, os ditos, as novas tecnologias, fotos, o silêncio e muitos outros, cada qual com suas especificidades, seus dispositivos analíticos e sua contribuição para a compreensão dos processos de significação” (Orlandi, 2015, p. 19).

Desse modo, pretendemos analisar o corpo como objeto discursivo, como produtor de discurso, pois, diz Ferreira (2013, p. 77), “corpo e discurso andam próximos no campo teórico da análise do discurso”. Sendo o corpo, muito mais do que um elemento biológico, mas um corpo discursivo, inscrito na história e funcionando pela história, na linguagem e pela linguagem, afetado pelo inconsciente e assujeitado à ideologia, ele nos interessa como materialidade discursiva.

Portanto, o corpo, como materialidade discursiva, passa a ser aquele que resiste a uma imposição normativa e reivindica um lugar de visibilidade e direito e tais movimentos se dão pela memória discursiva que retoma e reatualiza sentidos.

Segundo Ferreira (2013, p. 77): “Assim como a língua não é um ritual sem falhas (como nos lembra Pêcheux), a ideologia também não o é e tampouco o corpo”. Desse modo, o corpodiscurso (e assim o chamaremos para marcar sua constituição discursiva) constitui-se pela falha, pela falta, é atravessado pelos sentidos e pelo silêncio. É esse corpo que nos interessa, não o corpo como avesso ao sentido, mas o corpo que é discurso, que se diferencia de outros corpos por se inscrever de modo particular no processo histórico.

## A NORMATIZAÇÃO DO CORPO HOMOSSEXUAL

Nas civilizações da Antiguidade encontram-se registros confirmando a existência de relações homoafetivas, como é observável na citação a seguir:

A Grécia antiga reconhecia oficialmente os amores masculinos; se as relações sexuais entre os homens desempenhavam uma função iniciática, nem por isso tais ritos estavam desprovidos de desejo e prazer. Assim, impregnado por essa atmosfera de erotismo viril, a sociedade grega considerava a homossexualidade como legítima. (Borrillo, 2010, p. 45)

A homossexualidade, sendo muitas vezes um ritual de iniciação sexual de jovens, era vista com naturalidade na Grécia Antiga, em que as relações homoafetivas não eram alvo de discriminação, pois “Eros é o Deus do amor que aproxima e une os seres vivos” (Souza, 2013, p. 61), além do que era “muito mais prazeroso cortejar um rapaz, socialmente semelhante a si, do que uma mulher, tida como submissa e inferior.” (Souza, 2013, p. 66), diferente das sociedades medievais e modernas. Para Iotti:

As práticas sexuais entre um homem mais velho e outro mais jovem estavam comumente relacionadas aos mitos e às lendas das tribos em questão. As culturas primitivas viam nesse tipo de relacionamento a forma pela qual o menino alcançaria a masculinidade, por meio da exclusão do contato dele com a mãe, para que aprendesse os costumes masculinos de seu povo (Iotti, 2021, p.83).

No Egito Antigo, como a mulher era considerada inferior, os homens inimigos derrotados eram submetidos também a relações sexuais com os vencedores, surgindo daí, a ideia de passividade na relação sexual. A ideia de dois homens se relacionando, era aceitável, desde que não houvesse em um deles, marcas de feminilidade, afinal. “um homem pode preferir os amores masculinos sem que ninguém sonhe em suspeitá-los de feminidade, desde que ele seja ativo na relação sexual e ativo no domínio de si.” (Foucault, 1985, p.79).

Desse modo, na perspectiva discursiva materialista, ao analisarmos esse período sócio-histórico do Egito Antigo e da Grécia Antiga, enquanto condição de produção, além de encontramos a mulher como inferior e submissa ao homem, no e pelo sistema patriarcal, temos o homem que tem que demonstrar virilidade, e não características femininas, para que seja aceito como homossexual perante a sociedade. Portanto, aqueles que tinham gestos de feminilidade, no período do Egito Antigo, eram considerados inferiores assim como as mulheres também o eram.

Além disso, em ambos os períodos havia uma normatização do corpo (fosse para iniciação do jovem ou para o reforço da virilidade), extrapolando o aspecto biológico e social, sendo este um corpo que entrelaça e produz sentido, ou seja, sendo o corpodiscurso, pois é interpelado ideologicamente. Como afirma Orlandi (2017, p. 85), o corpo enquanto elemento simbólico e corpo de um sujeito, é produzido em um processo de significação, em que trabalha a ideologia, cuja materialidade é o discurso. E por ser discurso, esse corpo possui falhas carregadas de historicidades, possui linguagem, e assim, é materialidade discursiva. Logo, os gestos produzidos pelo e no corpo, inscrevem-se discursivamente, em “gesto-sentido” (Pereira, 2021),

em que se fala sem palavra, lugar da discursividade que funciona como uma voz que ecoa mesmo no silêncio da voz, mas na presença do gesto, do movimento - gesto-sentido - deslocamento do corpo-sentido, que, enquanto corpo fisiológico/biológico/orgânico, funciona como corpo social. Significado pela e na historicidade, dizeres que se entrelaçam e produzem sentidos (Pereira, 2021, p. 15, grifos do autor).

Assim, o gesto-sentido de feminilidade que atravessava o corpo dos homossexuais é interdito nos períodos mencionados, cruzando os processos sócio-históricos, pela memória discursiva, pelo silêncio, pela condição de produção.

Com o passar do tempo e a difusão de ideias conservadoras que circulavam juntamente com o discurso religioso, os relacionamentos afetivos com pessoas do mesmo sexo, passou a ser condenado e visto como pecaminoso. Segundo Iotti (2021, p.96): “Na Idade Média, o preconceito contra qualquer ato sexual que não fosse aquele praticado dentro do casamento, na posição mais ortodoxa e com a finalidade exclusiva da procriação, aumentou em grandes proporções”.

A partir do advento das ideias de pecado, oriundas da Igreja (Aparelho Ideológico e Repressivo de Estado) e de uma sociedade fundada nos princípios do patriarcalismo, em que ao homem cabia ser o cabeça da família, os indivíduos que carregavam marcas da homossexualidade, começaram a ser excluídos socialmente, por práticas segregadoras, que culminavam, como entendemos atualmente, com a homofobia, principalmente

aqueles homens que não “adotavam uma postura masculina, uma imagem de respeitabilidade social” (Miskolci, 2017, p. 33), cujas marcas no modo de agir remetiam às relações homoafetivas, em que “a sociedade incentiva essa forma “comportada”, no fundo, reprimida e conformista, de lidar com o desejo, inclusive por meio da forma como persegue e maltrata aqueles que são cotidianamente humilhados sendo xingados de afeminados, bichas, viados (Miskolci, 2017, p. 33)”.

O corpo, ideologicamente interpelado e vinculado a determinada condição de produção, constitui efeitos de sentidos múltiplos. Assim, os corpos de sujeitos são “corpos segregados, corpos legítimos [...], Corpos integrados. Corpo fora de lugar. [...] o normatizado” (Orlandi, 2017, p. 87), que devem seguir gesto-sentido de masculinidade, “gesto de significação, produção de sentidos, que é tomado pelo jogo opaco da linguagem, que não fala, mas diz” (Pereira, 2021, p. 15) para obterem respeito no espaço no qual estão inseridos.

Aqui, no Brasil, durante o período colonial, na Bahia, os escravos eram usados para atos sexuais com seus senhores, padres, e até mesmo autoridades, assim diz Gregório de Matos que em seus poemas “tirou do armário” diversos frades, mancebos, mulatos e negros. Neste período, diz Green (2012, p. 66), os acusados de praticar o pecado nefasto eram executados.

Outro período histórico do Brasil foi o Império, onde a homossexualidade foi fortemente combatida como um crime. Nesse contexto, existem documentações que comprovam “que a polícia patrulhava os espaços públicos para ‘limpar’ as cidades de homens efeminados e ‘escandalosos’ ou das mulheres-homens demasiado visíveis” (Green, 2012, p. 68). Essas ações beneficiaram as pessoas de boa posição social, pois mantinham suas relações homoafetivas no sigilo, enquanto as de classe média cometiam o ato do suborno para com os policiais, sobrando à prisão apenas para os pobres. Assim, os homossexuais eram impedidos de transitar nas ruas, pois considerava-se que isso sujava as cidades.

Como já mencionamos, o corpo é discurso que passa pelo processo de interpelação ideológica, e assim “a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia produz uma forma sujeito histórica com seu corpo” (Orlandi, 2017, p. 86). Portanto, mais uma vez, temos o corpo transgredido por uma formação discursiva segregadora, que reprime o gesto-sentido do corpo e no corpo, em que o gesto-sentido de feminilidade (homens efeminados e ‘escandalosos’) ou masculinidade (das mulheres-homens demasiado visíveis) são podados para o corpo ser normatizado, e que assim, o gesto-sentido de cada corpo siga as regras da prática ideológica da “limpeza” da cidade.

## O CORPO É DISCURSO E RESISTÊNCIA

O corpo configura-se como lugar de subjetivação dos sujeitos, pois “a inscrição do sujeito no mundo se faz através do corpo. Como não há corpo sem sujeito e como não há sujeito sem ideologia” (Ferreira, 2019, p. 22) corpo e sujeito são interpelados ideologicamente, sendo assujeitados às novas discursivizações.

O corpo é uma materialidade discursiva, pois além de ser composição orgânica e biológica, é constituído de ideologias que significam simbolicamente, sendo um corpo que fala e sendo um corpo que também falta. Isso tudo, porque o corpo comporta, assim como a língua, equívocos e incompletudes, que constroem efeitos de sentidos. Neste ponto, pensamos como o corpo dos homossexuais se constitui historicamente entre o silenciamento e a invisibilidade, sendo um corpo visto como problemático.

Nosso propósito, portanto, de trabalhar o corpo como estrutura discursiva – entre sujeito e língua – vai considerar que o mesmo, como materialidade discursiva, encontra na língua a sua forma de simbolizar e, assim, falar do sujeito. Ainda que isso não seja sempre possível, já que as palavras sempre faltam e o sujeito não chega nunca a se mostrar por inteiro. Portanto, para falar do corpo desse lugar de entremeio, é preciso levar em conta que tudo não se diz, todo não se é... (Ferreira, 2011, p. 99 grifos da autora).

Se o sujeito é atravessado ideologicamente, o corpo também o é, e assim, o corpo é “lugar onde o sujeito se sente mais vulnerável” (Ferreira, 2019, p. 19), portanto, o sujeito homossexual tem resistido no corpo e pelo corpo. Tal rompimento visa extrapolar a ideologia da heteronormatividade para reivindicar sentidos de visibilidade, respeito.

Alvarez retomando as ideias do antropólogo Marcel Mauss (1974), ressalta que:

o corpo é um constructo cultural, tendo dois aspectos indissociáveis: é matéria prima e ferramenta da cultura. Portanto, pode-se afirmar que o corpo, seus gestos, suas formas de apresentação, os modos de andar e se sentar, por exemplo, nada têm de natural, mas, ao contrário, representam uma corporalidade fabricada por normas culturais coletivas. Desse modo, numa cultura onde o corpo deve ser mostrado, tê-lo descoberto torna-se algo necessário e natural, sem causar estranhamento, ao contrário do que ocorre numa cultura em que o corpo deve ser coberto, escondido, reprimido, por exemplo (Alvarez, 2020, p. 81).

O corpo homossexual é constituído pelo silêncio e pela negação. Durante muito tempo na história, este corpo foi silenciado, negado, revestindo-se de sentidos que o consideravam como não natural, como estranho, diferente da normalidade, e, também um corpo doente.

Pretendemos analisar como os corpos representados na postagem colocada a seguir, selecionada do Instagram para análise, geram sentidos. A postagem traz, em primeiro plano da imagem, um casal de duas mulheres indígenas dando um beijo, com as pinturas corporais indígenas feitas nos rostos, e uma delas está enrolada com a bandeira das cores que representam os LGBTQIA+. No segundo plano da imagem, mostra uma via pública, com pessoas andando.

Os corpos aí focados são corpos homossexuais, mas também corpos indígenas, uma vez que as duas mulheres são parte do coletivo indígena LGBTQIA+ representados, segundo a postagem, por membros das etnias: Terena, Tupinikim, Tuxá, Boe Bororo e Guajajara.



**Imagem 1: Corpos indígenas**

Fonte: Instagram

No exemplo, os corpos se constituem ao mesmo tempo como indígenas e LGBTQIA+, sendo corpos, portanto, que carregam sentidos historicamente estabelecidos sobre ser homossexual e ser indígena. Sabe-se que os sentidos provenientes da ideologia dominante que constituíram historicamente estes corpos são eivados de preconceitos e silenciamentos. Na imagem se destacam dois corpos femininos. Um deles, enrolado na bandeira LGBTQIA+, encontra-se na frente de outro corpo feminino, beijando-o. Pelo olhar da fotografia, os dois corpos na rua não são apenas corpos de duas mulheres, mas significam a partir do sentido de resistência ao demarcarem um lugar no mundo, ao se colocarem em posição de visibilidade. Corpos, bandeira e rua se misturam, rasgando silêncios da história e resistindo à invisibilidade. Os corpos femininos deslizam nos sentidos, marcando presença na rua.

Assim, rompem com sentidos que consideram tais corpos como estranhos, selvagens, não naturais, não normais. No entanto, os corpos aí colocados, reivindicando o direito de amar e de beijar em uma via pública, resistem ao que determina a ideologia dominante, significando de outro modo: como resistência. Assim, esses corpos significam pela resistência ao silenciamento e estranhamento, reivindicando um lugar de direitos e visibilidade, constituindo-se, a partir da falha da ideologia dominante, como corpos que resistem, que existem e que querem ser reconhecidos como normais e naturais. Há nesses corpos, também, a presença significativa do silêncio de interdição que, na esteira das reivindicações por espaço e lugar de visibilidade, são rompidos nessas condições de produção.

Não se trata “da oposição entre sentido verdadeiro e sentido falso” (ORLANDI, 2007, p. 109), trata-se do corpo que resiste e mostra a contradição do sujeito, os efeitos de sentidos que são dados como evidentes.

Na materialidade discursiva, compreendemos as contradições da produção de sentidos, e podemos dizer que os corpos duplamente constituídos pela sua condição de indígena e LGBTQIA+, instauram outros sentidos rompendo com já-ditos que se inscrevem no interdiscurso.

É através do discurso presente nesses corpos, que saberes de uma memória discursiva historicizam sentidos, ao longo do tempo, como os corpos visibilizados que reivindicam um lugar de respeito.

Portanto, segundo Orlandi (2007, p. 111) “censura e resistência trabalham a mesma região de sentidos”, por isso, esse silenciamento sobre o corpo censura sentidos outros, impedindo desses sentidos ecoarem na história.

Podemos dizer que o discurso de resistência, dessa materialidade discursiva, é concebido por sujeitos, interpelado ideologicamente, que enunciam da posição sujeito contrária à da formação discursiva opressora, indicando que os corpos homoafetivos podem se amar, constituindo o respeito por sua condição de indígenas e LGBTQIA+.

Ao se oporem ao que é discursivizado na formação discursiva (FD) opressora, os sujeitos da FD homoafetiva firmam a contradição que constitui o sujeito do discurso, sendo sujeitos ao mesmo tempo interpelados pela ideologia e sujeitos da resistência. A contradição ideológica se manifesta no sujeito que resiste, e este por sua vez, se materializa na resistência da língua.

Na perspectiva da Análise de Discurso materialista, o discurso dos sujeitos é discurso de resistência, pois “não há dominação sem resistência” (PÊCHEUX, 2014, p. 281), visto que há falhas, fissuras, na interpelação ideológica.

A resistência instaura-se no discurso, a partir da língua uma vez que, segundo o pressuposto teórico da AD, é também o lugar do deslocamento, da possibilidade, do sentido outro. Ainda segundo Pêcheux (1990, p. 09), o espaço revolucionário pressupõe a existência de “um só processo, contraditório, no qual se tramam as relações entre língua e história”. Assim, não se pode pensar em resistência sem levar em conta a historicidade que constitui o discurso, a língua e o sujeito.

O processo de resistência relaciona-se ao modo como o sujeito interpelado pela ideologia se movimenta dentro do discurso, no processo de subjetivação deslocando-se da identificação para a desidentificação e constituindo-se a partir da complexa relação com a ideologia. Ou seja, o discurso de resistência é definido em uma FD oposta a outra FD, e aí se dá, pela contradição e o equívoco, o processo de desidentificação e identificação em dada formação ideológica.

Desta maneira, a FD homoafetiva rompe com os sentidos estabilizados pela FD heteronormativa, portanto, entende por resistência:

As resistências: não entender ou entender errado; não “escutar” as ordens; não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras da sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras... E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido. (Pêcheux, 1990, p. 17)

Pêcheux trabalha a resistência pela e na contradição da dominação ideológica, que se dá pelos furos e falhas da interpelação da ideologia, que resulta no rompimento de sentidos reproduzidos nos discursos de dominação dos sujeitos da ideologia dominante.

Assim, os movimentos homossexuais opõem-se às ideologias das classes dominantes, em que os LGBTQIA+ se sustentam em discursos que vão contra os discursos da ideologia patriarcal e religiosa conservadora. Há, aqui, o movimento de resistência da língua, a resistência da ideologia e a resistência do sujeito, pois entende-se por movimento, o mover simbólico: “a resistência constitui o sujeito na sua possibilidade de se mover no simbólico” (LAGAZZI e MEDEIROS, 2019, p.91).

Os movimentos homossexuais, que lutam por direito e igualdades, entre outras causas, protestam contra o discurso patriarcal, religioso e opressor, a fim de desestruturar os efeitos de sentidos provenientes de uma formação discursiva opressora, que insiste e persiste na sociedade, para outra formação discursiva que o sujeito se identifica, rompendo, pelo equívoco e deslizamento de sentidos, com o estável.

É pelo funcionamento da linguagem, nos processos discursivos, que a resistência se faz presente, pois o discurso funciona como objeto de materialização da ideologia na língua, e assim, materializa-se, também, a contradição ideológica, o equívoco, que resulta na incompletude do discurso.

Dessa forma, “é preciso ter bem presente que a incompletude é a própria condição de existência da linguagem e que, portanto, não se pode pretender dizer tudo” (Ferreira, 1996, p. 43). Há, no entanto, que considerar que em todo dizer há presença da falta, sendo sujeito e discursos incompletos, e sentido opaco.

Ao se inscrever na linguagem, o sujeito, que é ideologicamente interpelado, é elemento chave da resistência. O sujeito resiste ao equívoco da ideologia, uma vez marcada pela contradição e resiste na e pela língua, da incompletude da linguagem. Portanto, o discurso é efeitos de sentidos que mostra os espaços do equívoco, a contradição.

Em conformidade com Pêcheux, é preciso ocupar-nos com “as materialidades discursivas, implicadas em rituais ideológicos, nos discursos filosóficos, em enunciados políticos, nas formas culturais e estéticas, através de suas relações com o cotidiano, com o ordinário do sentido.” (Pêcheux, 2015, p. 49).

E esse “ordinário do sentido”, que nos traz Pêcheux, são os efeitos de sentidos produzidos no processo de resistência do sujeito ao marcar sentidos outros nas postagens, que são lugares de contradição, portanto, de resistência, para o sentido de família, ao romper com o sentido da ideologia patriarcal dominante.

Ao tomar como exemplo a materialidade abaixo, analisaremos o discurso de resistência presente em um dos trechos das postagens no Instagram, em que um casal composto de dois homens narra e descreve que os bebês que foram adotados por eles, foram rejeitados por casais heterossexuais devido a complicações na saúde de um dos recém-nascidos no momento de seu nascimento, como 05 pneumonias e 02 paradas cardíacas, e o processo de adoção de seus filhos gêmeos:

SD 01: Os gêmeos

“Nossos bebês gêmeos receberam o não de 16 famílias [formadas por casais heterossexuais] até nosso telefone tocar.”

Fonte: Instagram

Pela análise da materialidade discursiva, temos uma formação discursiva bem definida, que chamaremos de afetiva, à qual o sujeito adere para negar o discurso do outro, que aqui chamaremos de formação discursiva heteronormativa. Ao nos atentarmos para a marca linguística do advérbio de negação, o “não”, é visível a contradição constitutiva do sujeito do discurso. A formação discursiva heteronormativa nega a adoção, por parte de dezesseis famílias, dos recém-nascidos, por um dos gêmeos ter sofrido complicações de saúde no seu nascimento, que poderia resultar em dificuldades financeiras e complexidades emocionais (caso falecesse) para os casais heterossexuais, negando, assim, uma composição familiar. Neste caso, o corpo doente do bebê, é atravessado por sentidos que estão em embate: o sentido negativo, a partir do momento em que foi rejeitado por casais heteronormativos, o sentido acolhedor a partir do momento que foi acolhido pelo casal homoafetivo. Assim, o corpo doente, desliza do sentido negativo para o positivo: rejeitado por uns, acolhido por outros. Entre o silêncio, a rejeição e o acolhimento, o corpo resiste. Podemos dizer que o discurso de resistência, dessa materialidade discursiva, é concebido por sujeitos, interpelados ideologicamente, inseridos na formação discursiva afetiva ao negarem o discurso heteronormativo, enunciando “até nosso telefone tocar”, colocando como afirmativa a adoção antes negada. Dessa forma, ao se oporem ao que é dito por sujeitos inscritos na FD heteronormativa, os sujeitos da FD afetiva firmam a contradição que constitui o sujeito do discurso, sendo sujeito ao mesmo tempo interpelado pela ideologia e sujeito da resistência.

A contradição ideológica manifesta-se no sujeito que resiste, e este por sua vez, se materializa na resistência da língua. Deste modo, há um deslocamento de sentido na noção de família, num movimento do sujeito do discurso que rompe com a formação discursiva heteronormativa, com o que já foi dito pela ideologia dominante, afetado pelo equívoco da língua, pela contradição da ideologia e do inconsciente, em que a família era considerada apenas aquela composta por um homem, uma mulher e filhos, evidenciando a incompletude da língua.

Ao deslocar o sentido, em “até nosso telefone tocar”, há um novo sentido que rompe com saberes da FD heteronormativa, possibilitando uma nova discursivização dos sentidos sobre a noção de família. Portanto, ao assumir uma posição ideológica no interior de uma FD, sujeito, corpo e sentido se constituem, e nesse caso, resistem ao concretizar essa nova formação familiar.

No exemplo a seguir, ainda podemos analisar o corpo, que é uma materialidade discursiva, constituída de ideologia, com falhas, e que por isso produz resistência, pela teoria materialista do discurso, que significa o local de equívoco e que carrega presença na falta. Assim, o corpo é discurso e é resistência. Observemos:

SD 02: O corpo resistente

“Nasceram prematuros. Um deles ficou hospitalizado desde o nascimento até vir para nossa casa. Passou por 5 pneumonias seguidas de entubação. 2 paradas cardíacas e ficou parado 14 minutos. Isso fez com que ele tivesse uma paralisia cerebral, que resultou em algumas limitações e sequelas ainda não dimensionadas.”

Fonte: Instagram

Nesta sequência discursiva, em que compreendemos as contradições da produção de sentidos, podemos dizer que o corpo doente carrega a falta da saúde. É através do discurso presente nesse corpo, que saberes de uma memória discursiva historiciza sentidos, ao longo do tempo, como aquele corpo frágil dos recém-nascidos, que não suportam enfermidades.

Para compor uma família, inserida na formação discursiva heteronormativa, o recém-nascido que será adotado pelo casal homoafetivo, foi por não ter boas condições de saúde, excluído, negado, evitado. Mas esse corpo excluído pelos casais heterossexuais foi acolhido pelo casal homossexual que produziu o enunciado que constitui esse exemplo. O corpo resiste e mostra a contradição do sujeito, indicando os efeitos de sentidos que são dados como evidentes. Há nesse corpo, também, a presença significativa do silêncio.

O silenciamento, o não dito, significa no dito das palavras, assim, podemos considerar o não dito significando no dito pelo corpo, e, portanto, podemos dizer que o silêncio é resistência, uma vez que “rastros do silêncio nos mostram a resistência funcionando” (Lagazzi; Medeiros, 2019, p. 85), assim como o discurso e o corpo.

É pelo silêncio, que não se diz para que se digam outras palavras, e é pelo silenciamento do corpo, este que está fragilizado e doente, que se diz outro corpo, este, por sua vez, com vitalidade e saúde. Esse silenciamento sobre o corpo censura sentidos outros, impedindo esses sentidos de ecoarem na história pelo que não se pode dizer.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esgotar um tema em um trabalho científico é impossível, e quanto mais pela teoria que estamos estudando, visto que o discurso, assim como o texto, é inacabável, e os sentidos estão em movimento.

O corpo é discurso e é resistência, pois o corpo resiste à norma e reivindica visibilidade. Assim, sujeito, discurso e corpo fazem parte da constituição da linguagem, em que o atravessamento do corpo pela linguagem produz sentido, e este sentido rompe com os sentidos estabilizados pela ideologia dominante. Dessa forma, esse corpo resiste, revelando as falhas da interpelação ideológica.

Finalizamos deixando essa pesquisa como uma pequena contribuição para os estudos do discurso de base materialista e as lacunas para serem preenchidas.

## REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Palmira Virginia Bahia Heine. *Mulheres em revista: a discursivização da mulher na revista Jornal das Moças da década de 1950*. São Paulo: Pedro e João Editores, 2020.
- BORRILLO, Daniel. *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O mal-estar do sujeito contemporâneo: político, cultura e arte. In: GRIGOLETTO, Evandra. DE NARDI, Fabiele Stockmans. SOBRINHO, Helson Flavio da Silva (orgs.). *Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 19-35.

- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *O corpo como materialidade discursiva*. Vitória da Conquista: Redisco, 2013.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O discurso do corpo. In: SANSEVERINO & MITTMANN (orgs.) *Trilhas de investigação: A pesquisa no I.L. em sua diversidade constitutiva*. Porto Alegre, Instituto de Letras/UFRGS, 2011, p. 89-102.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O estatuto da equivocidade da língua. In: GUEDES & LIMA (orgs.). *Estudos da Linguagem*. Porto Alegre, CPG Letras/UFRGS. Col. Ensaio, 10, 1996, p. 39-50.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985, vols. 1,2 e 3.
- GREEN, James N. *Homossexualidade e a história: recuperando e entendendo o passado*. Niterói. V.13, n.2, p. 65-76, 1. sem. 2012.
- IOTTI, Paulo. Da homossexualidade à homoafetividade: dos gregos à contemporaneidade. *Revista de Direito Civil* v. 3, n.1, jan./jun. 2021. p. 83 a 107
- LAGAZZI, Suzy. MEDEIROS, Vanise. Resistência e Ética em tempos difíceis: a política no esquecimento em *Esse Viver Ninguém Me Tira*. In: In: GRIGOLETTO, Evandra. DE NARDI, Fabiele Stockmans. SOBRINHO, Helson Flavio da Silva (orgs.). *Sujeito, sentido, resistência: entre a arte e o digital*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 77-92.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2017.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso em Análise: Sujeito, Sentido e Ideologia*. Pontes Editora: Campinas – SP, 2017.
- ORLANDI, Eni P. Ler Michel Pêcheux Hoje. In: *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Pontes Editora: Campinas – SP, 2015.
- ORLANDI, Eni P. *Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo*. 2. ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 19, Campinas, SP, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre. (org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas, São Paulo: Pontes, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- PEREIRA, Diego Henrique. *(Só) Riso? o sorriso como discurso: pelo movimento do gesto-sentido*. Pontes Editora: Campinas – SP, 2021.
- SOUZA, Luana Neres de. O homoerotismo masculino nos diálogos O Banquete de Platão e de Xenofonte. In: COSTA, Adriane Vidal. BARBO, Daniel. *História, literatura e homossexualidade*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 61-84.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.